New Trends in Qualitative Research

BY-NC-ND

VOLUME **21** | Nº **1**

**DOI:**
https://doi.org/10.36367/ntqr.21.1.2025.e1207

**Luiza Cesar Riani Costa**

**Marília Gonçalves**

**Maria Fernanda Barboza Cid**

**Wanderlei Abadio de Oliveira**

**Diene Monique Carlos**

**Data de submissão:** Abril, 2024
**Data de avaliação:** Novembro, 2024
**Data de publicação:** Março, 2025

# "O QUE ALIVIA A MINHA DOR": EXPERIÊNCIA DE PESQUISA POR MEIO DO PHOTOVOICE JUNTO A ADOLESCENTES EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

**RESUMO**

As adolescências são categorias sociais atravessadas por condições de saúde evitáveis ou tratáveis, bem como barreiras de acesso a serviços de saúde. A saúde mental de adolescentes tem sido fenômeno preocupante nos últimos anos. A literatura recomenda como urgente para profissionais, gestores públicos e pesquisadores ações e pesquisas preferencialmente colaborativas junto a crianças e adolescentes, em especial aqueles em situações de vulnerabilidade. O objetivo é relatar a experiência do uso do photovoice em pesquisa junto a adolescentes em sofrimento psíquico. Como método foi utilizado o relato de experiência do uso do photovoice para coleta de dados junto a nove adolescentes do estado de São Paulo, Brasil, entre março e julho de 2021. Foram realizados três encontros com as adolescentes, que permitiram aprofundar a questão "O que alivia a minha dor" trazendo o empoderamento e um olhar salutogênico às experiências de vida adolescentes. No último encontro, foi proposta a construção de uma cartilha com as imagens e experiências relatadas, de forma a apoiar outras/os/es adolescentes. O estudo apresenta estratégia de coleta de dados que permitiu acessar as vozes de um grupo marginalizado e em sofrimento, por vias genuínas e seguras. Para além deste aspecto relevante na pesquisa, pode ser ferramenta terapêutica, visto adolescentes terem se apropriado de suas vivências de forma mais salutogênica. Finalmente, para além de ser uma estratégia a ser usada em pesquisa de baixo custo e coerente às adolescências, pode fomentar a literacia em saúde, para além de ter gerado uma tecnologia (cartilha educativa) que demonstra a capacidade e potência de adolescentes como multiplicadores de conhecimentos.

**Palavras-chave:** Adolescente; Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade; Pesquisa Qualitativa; Saúde Mental.

## "WHAT RELIEVES MY PAIN": RESEARCH EXPERIENCES THROUGH PHOTOVOICE WITH ADOLESCENTS WITH MENTAL DISORDERS

**Abstract**

Adolescents are social categories crossed by preventable or treatable health conditions, as well as barriers to accessing health services. The mental health of adolescents has been a worrying phenomenon in recent years. The literature recommends that professionals, public managers and researchers urgently need collaborative action and research with children and adolescents, especially those in situations of vulnerability. To reflect on the use of participatory data collection strategies - photovoice - in research with adolescents in psychological distress. An experience report on the use of photovoice to collect data from nine adolescents in the state of São Paulo, Brazil, between March and July 2021. Three meetings were held with the adolescents, which allowed them to delve deeper into the question "What relieves my pain", bringing empowerment and a salutogenic look at adolescent life experiences. At the last meeting, a proposal was made to create a booklet with the images and experiences reported, in order to support other adolescents. The study presents a data collection strategy that allowed the voices of a marginalized and suffering group to be accessed through genuine and safe channels. In addition to this relevant aspect of the research, it can be a therapeutic tool, as adolescents have been able to appropriate their experiences in a more salutogenic way. Finally, in addition to being a strategy to be used in low-cost research that is coherent with adolescents, it can foster health literacy, as well as having generated a technology (an educational booklet) that demonstrates the capacity and power of adolescents as multipliers of knowledge.

**Keywords:** Adolescent; Community-Based Participatory Research; Qualitative Research; Mental Health.

# 1. Introdução

As adolescências devem ser compreendidas para além de conceções genéricas, biologicistas e universais; trata-se de um período marcado por construções históricas e culturais, reconhecendo a diversidade de vivências, condições de vida e processos familiares e sociais em que esta população está envolta. As características do funcionamento adolescente remetem não apenas a aspetos maturacionais, mas a como determinada sociedade constrói sua conceção de adolescência, determinada historicamente (Souza & Silva, 2019). Portanto, o adolescente deve ser visto como um ser histórico e social, marcado pelo crescimento de atividade crítica, necessidade de conhecer a realidade, maior capacidade de abstração e maior participação social.

Apesar de serem consideradas um grupo saudável, as adolescências são atravessadas por condições de saúde evitáveis ou tratáveis, bem como barreiras de acesso a serviços de saúde. A saúde mental de adolescentes tem sido fenômeno preocupante nos últimos anos. Estima-se que um em cada sete adolescentes apresentam sofrimento mental; cerca de metade destas questões se iniciam antes dos 14 anos e não são oportunamente identificados (World Health Organization, 2021a; World Health Organization, 2021b). Dentre esta população, por exemplo, o suicídio ocupa a terceira causa de morte em adolescente de 15 a 19 anos no mundo (World Health Organization, 2020). Para tanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) traz que ações de promoção à saúde mental são fundamentais na adolescência, bem como ações de prevenção de sofrimento psíquico (World Health Organization, 2021a).

Faz-se relevante mencionar a implicação da pandemia na saúde mental de adolescentes. O fechamento de unidades escolares teve impacto importante; a mudança de atuação de serviços de saúde, assistência social, cultura, esporte e lazer, também impactou demasiado a vida desta população (Senhoras, 2020; Lettiere-Viana et al., 2021). No início da pandemia havia menor compreensão dos possíveis danos a adolescentes. Ao longo do processo, foi sendo evidenciado sentimentos negativos relacionados com a suspensão dos planos, a dificuldade em ter interesse nas atividades de rotina e a preocupação com a saúde familiar, gerando uma intensa carga emocional (Gadagnoto et al., 2022). A adolescência é marcada por um momento de socialização, em que os adolescentes se afastam dos familiares e aumentam a interação com pares; o isolamento social incorporado pela pandemia pode causar irritabilidade, frustração e tédio (Oliveira et al., 2020). Tais aspetos podem trazer maiores dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais saudáveis e maior uso de violências para resolução de conflitos. Refletiu-se que esta população vivenciou a impossibilidade de realizar processos saudáveis do desenvolvimento, configurando uma população de alta vulnerabilidade ao sofrimento mental e podendo levar a uma geração de adultos adoecidos (Costa et al., 2021).

A literatura recomenda como urgente para profissionais, gestores públicos e pesquisadores ações e pesquisas preferencialmente colaborativas junto a crianças e adolescentes, em especial aqueles em situações de vulnerabilidade, buscando mitigar impactos na saúde mental a curto e longo prazo (Samji et al., 2022).

Estes aspetos adquirem fundamental relevância em tempos pós-pandêmicos. O cuidado deve vislumbrar elementos para além de prismas convencionais da saúde pública, trazendo o empoderamento e protagonismo desta população (World Health Organization, 2017).

Assim, o presente estudo buscou relatar a experiência do uso do photovoice em pesquisa junto a adolescentes em sofrimento psíquico.

## 2. Método

Trata-se de um relato de experiência sobre a apropriação da estratégia de coleta de dados photovoice em pesquisa qualitativa desenvolvida junto a adolescentes em sofrimento psíquico. No desenvolvimento de uma Dissertação de Mestrado, em Ciências da Saúde, que teve como objetivo compreender as experiências de sustentação de adolescentes que se autolesionaram na perspetiva da teoria winnicottiana, pôde-se apropriar do uso do Photovoice. No estudo, os dados construídos foram complementados por entrevistas semiestruturadas que não serão objeto de discussão neste artigo.

Pesquisa de abordagem qualitativa, entendida como aquela destinada ao estudo das relações sociais; permite o reconhecimento das perspectivas dos participantes diretamente envolvidos em determinado fenômeno, e o respeito às suas singularidades e diversidades. A reflexão do pesquisador em sua pesquisa é parte do processo de produção de conhecimento; existe a possibilidade e variedade de aproximações e técnicas. O olhar para o contexto particular, local e temporal é aspecto importante para a descrição histórica, específica e concreta de sistemas de conhecimentos, práticas e experiências (Flick, 2009). Conforme já sinalizado, o referencial teórico utilizado foi da teoria psicanalítica de Winnicott (Winincott, 1983).

O Photovoice é uma estratégia de coleta de dados de pesquisa flexível e participativa, que permite que os indivíduos revelem suas questões e que os pesquisadores tenham maior compreensão sobre o tema de estudo. Por meio da fotografia, os participantes conseguem expressar aspetos de suas realidades que, muitas vezes, seriam difíceis de descrever apenas com palavras, proporcionando uma visão mais profunda e autêntica sobre suas vivências. Por exemplo, em pesquisas sobre comunidades marginalizadas, imagens capturadas pelos próprios moradores podem evidenciar desigualdades no acesso a serviços básicos, como saneamento e saúde, ajudando na formulação de políticas públicas mais eficazes. Da mesma forma, em estudos sobre educação, estudantes podem registrar elementos do ambiente escolar que influenciam seu aprendizado, como infraestrutura precária ou espaços de convívio que favorecem o engajamento. Dessa maneira, o Photovoice não apenas amplia a voz dos participantes, mas também enriquece a interpretação dos pesquisadores, resultando em uma compreensão mais detalhada e humanizada do fenômeno investigado. (Wang, 1999).

As participantes do estudo foram 9 adolescentes do sexo biológico feminino (e identificadas com o gênero feminino) com idades entre 12 e 17 anos. Elas foram incluídas mediante os critérios: (1) ter idade entre 10 e 19 anos; (2) ter história autoreportada de ALNS. Para recrutamento, criamos um pôster explicando os objetivos da pesquisa, e convidando adolescentes que se interessassem a entrar em contato com a pesquisadora principal. Com o apoio de profissionais de educação e saúde, divulgamos o poster entre os meses de dezembro de 2020 e abril de 2021 em dois serviços de atenção à saúde de adolescentes do município, além da divulgação via redes sociais *Whatsapp* e *Facebook* de uma escola pública de ensino fundamental e médio do município. Além das adolescentes que procuraram a pesquisadora, utilizamos também a técnica de amostragem Bola de Neve (*Snowball Sampling*), no qual cada participante pode apontar outros informantes, constituindo uma cadeia de indicações (Vinuto, 2014).

Cinco adolescentes procuraram a pesquisadora com interesse em participar da pesquisa, além de indicarem mais quatro adolescentes que, por sua vez, também aceitaram participar. Após a primeira aproximação, quando explicamos em detalhes os procedimentos para participação da pesquisa, realizamos contato com os pais e/ou responsáveis para autorização. Não foi necessário excluir nenhuma participante.

Optou-se pelo uso do termo sofrimento psíquico por ser mais coerente à perspetiva psicossocial adotada, e não um recorte de um sinal ou sintoma apresentado. Ressalta-se que tal estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos em 19 de dezembro de 2020 (CAAE 37968120.9.0000.5504).

Nossa coleta de dados ocorreu em pelo menos três encontros individuais com cada participante. O primeiro encontro consistiu em: aproximação; coleta de dados sociodemográficos (estabelecimento de rapport); instruções do passo a passo da participação; ênfase na possibilidade de desistência em qualquer momento da pesquisa sem prejuízos pessoais; acolhimento de possíveis temas e demandas dos participantes. Neste encontro a pesquisadora explicou a metodologia photovoice, convidando as participantes a responderem, por meio de fotografias, a pergunta disparadora “O que alivia a sua dor?”. As participantes tiveram duas semanas para fotografar cenas que respondiam a esta questão. Foram oferecidas câmeras fotográficas ou a opção de utilizarem o próprio celular. Todas as adolescentes optaram pelo uso do celular.

Em um segundo encontro, as participantes apresentaram as fotografias. Esta apresentação se deu como descrito a seguir: ao chegarem ao encontro, as participantes enviaram as fotografias para a pesquisadora via WhatsApp; a pesquisadora projetou as fotografias em um computador, onde puderam observá-las; as participantes escolheram a ordem das fotografias a serem apresentadas; quando necessário, as participantes se conectaram à rede de internet dos serviços para realizarem o envio do material. Ao todo recebemos 50 fotografias.

Houve complementação dos dados por meio de entrevistas semiestruturadas.

Elas partiram de certos questionamentos, geralmente guiados por um roteiro, que norteiam uma conversa com finalidade definida, não apresentando qualquer obstáculo e não tendo meios para prever todas as condições ou situações do trabalho de campo (Minayo, 2014).

Neste espaço, as imagens fotografadas foram utilizadas como disparadores para a discussão sobre o que era sustentador para as adolescentes. Foram utilizadas as seguintes questões norteadoras: O que você vê nesta fotografia? O que a levou a tirar esta foto? Como ela se relaciona com a pergunta: "o que alivia a sua dor"? Como foi viver o momento da foto? O que esta fotografia desperta em você? Como isto tudo se relaciona com a autolesão? Quando necessário, a pesquisadora e a participante realizaram mais encontros para continuidade da entrevista e acolhimento das demandas.

Todos os encontros com as participantes foram gravados no gravador de voz do aparelho Samsung J4, após autorização das participantes. Foram transcritos na íntegra, e os nomes utilizados para identificação das entrevistas foram escolhidos pelas próprias adolescentes; demais nomes pessoais ou locais foram substituídos por fictícios. De acordo com recomendação da literatura, fotos com imagens que permitissem identificação de pessoas não foram usadas.

As entrevistas ocorreram entre os meses de março e julho de 2021 em sala privativa nos horários de contraturno escolar. A duração das entrevistas variou entre 38 e 90 minutos. A coleta de dados seguiu as recomendações da literatura para saturação de significados (Hennink; Kaiser, 2022).

Os dados foram analisados mediante a análise temática reflexiva, proposta por Braun e Clarke (2019). Neste artigo, como a proposta é apresentar o processo de produção de dados em si, o mesmo foi desenvolvido de forma descritiva.

## 3. Resultados

Este processo foi marcado pelo reconhecimento de diferentes elementos sustentadores. em resposta ao que as sustenta, as participantes fotografaram suas famílias e amigos, narrando a importância das relações e do pertencimento em seus grupos. Percebemos a relevância do grupo familiar nas narrativas, mas destacamos que talvez este aspeto precise ser relativizado devido ao período de coleta dos dados, em que as adolescentes se afastaram do convívio de demais grupos.

> *(Foto de Pamela removida para garantir o anonimato. Descrição da foto, feita pela pesquisadora: Uma adolescente usando máscara de proteção sentada em uma cadeira com uma bebê no colo.)*
>
> *Tem essa foto aqui com a minha irmã. A mais nova. (...) A relação da gente é boa até. Não dá pra saber direito por enquanto né, tá muito neném. Ela tem acho que 4 meses, mas ela é já é bem agitada. Ela fica fazendo força pra levantar do lugar (risos), grita, com essa idade fica gritando. Quando eu to com ela também eu fico melhor. não tem como ficar triste do lado dela, né? Ela faz bastante coisa, ela fica... ela não sabe conversar, mas ela fica falando tipo 'aaah', ela fica falando assim. As vezes ela grita, levanta, as vezes ela dá um sorrisinho (risos). Pamela (15 anos)*

*Jogos online interativos também foram recursos utilizados para se relacionar e criar comunidade. Isabella (13 anos) explica que se sente melhor quando joga, "não pelo jogo em si, mas pela conversa".*

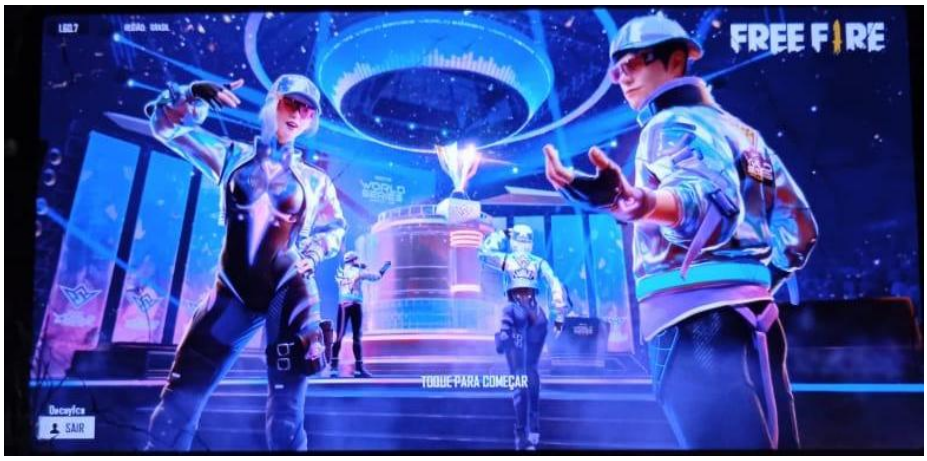



**Figura 1.** Fotografia de Isabella. Brasil, 2021.

Em meio a narrativas permeadas pela dor e pela ausência, as adolescentes teceram suas próprias redes de apoio. Encontraram pertencimento e presença de formas diversas e criativas, estabelecendo relações de acolhimento e cuidado. Dentre elas, a relação com animais de estimação parece ser uma das mais significativas formas de sobrevivência afetiva.

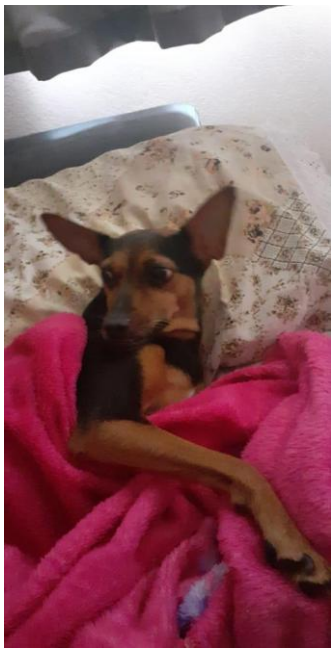


**Figura 2.** Fotografia de Laurel. Brasil, 2021.

> *É uma foto da minha cachorra. Eu tava no sofá aí eu arrumei um travesseiro e uma coberta pra eu deitar. Aí primeiro eu sentei no sofá, antes de deitar. Aí veio a minha cachorra Duda e deitou exatamente onde eu ia deitar! Ela colocou a cabeça no travesseiro, e deitou embaixo da coberta. Aí eu puxei a coberta assim um pouco mais e tirei uma foto, ficou muito engraçado! O jeito que ela tava deitada foi muito bom, eu vou te mostrar. Era pra mim né, e ela que deitou. Eu ri, e quis tirar a foto porque eu gosto muito de ficar com ela, ela é uma das coisas boas que tem na minha vida. Tava um dia normal, eu fui deitar no sofá e ela fez isso, aí já parece que mudou as coisas, sabe? Laurel (13 anos)*

No terceiro encontro, a pesquisadora apresentou as fotografias tiradas pelas outras participantes. Neste momento, as participantes puderam conhecer e refletir sobre as experiências de outras adolescentes e oferecer devolutiva sobre a interpretação das pesquisadoras. As adolescentes também participaram da construção de uma cartilha com as fotografias e experiências que quiseram compartilhar com as comunidades. Participaram das decisões relativas ao design, ao conteúdo e aos meios de divulgação do material. Apontaram também serviços e locais prioritários para a divulgação da cartilha.

A cartilha "O que alivia a minha dor: fotos e experiências de adolescentes" (Costa & Carlos, 2022), Figura 1 e link de acesso referenciado, foi apresentada e disponibilizada em sua versão digital para escolas, serviços de saúde, e profissionais que trabalham com adolescências. Além disto, o material foi apresentado na reunião mensal dos serviços de adolescências do município, que reúne serviços de múltiplos setores, tais como Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil, escolas, unidades básicas de saúde, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, entre outros.




**Figura 3.** Cartilha "O que alivia a minha dor": fotos e experiências de adolescentes. Brasil, 2021.

Ao final do terceiro encontro, a pesquisadora ofereceu a possibilidade de continuidade de encontros quinzenais para escuta e acolhimento. Quatro adolescentes quiserem continuar participando de mais cinco encontros individuais com a pesquisadora. Ao final destes encontros, uma adolescente foi encaminhada para atendimento com psicóloga e uma foi encaminhada para o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil do município.

## 4. Discussão

O photovoice permite visualizar as percepções dos participantes acerca de suas realidades cotidianas e é um mecanismo de ver, compreender e discutir as vivências a respeito da questão de estudo, sendo possível identificar soluções inovadoras para os problemas (Wang, 1999). Com o uso do photovoice, as participantes foram convidadas a expor seus pontos de vista a respeito de um tema pré-determinado, por meio de fotografias. Desvelou-se por meio dos resultados e da cartilha construída de forma coletiva pelas adolescentes que o photovoice permitiu a expressão de sentimentos e perspectivas que dificilmente seriam apropriadas sem esta estratégia. Ademais, fez este movimento de uma forma que pode ser salutogênica, além de terapêutica em algumas situações – aspecto que necessita ser melhor aprofundado em futuros estudos.

As fotografias permitem que participantes se envolvam em diálogos e reflexões críticas sobre necessidades individuais e sociais (Wang & Burris, 1997). Muitos dos estudos que se utilizam desta metodologia são com populações negligenciadas ou oprimidas por suas identidades socioeconômicas, demográficas, raciais, étnicas, culturais, sexuais, de gênero, e suas interseccionalidades. Uma revisão sistemática encontrou pesquisas que usaram o photovoice com adolescentes para discutir sobre uso de substâncias psicoativas, saúde ambiental, doenças crônicas, violências, diversidade sexual, barreiras de acesso à saúde, racismo, imagem corporal, saúde mental, suicídio, entre outros (Fountain et al., 2021). Este mesmo estudo concluiu que photovoice envolve e empodera grupos que são frequentemente sub-representados nas políticas públicas, e cujas vozes foram historicamente marginalizadas (Fountain et al., 2021), o que faz desta metodologia uma opção adequada e condizente com o estudo das vivências de adolescentes com histórico de autolesão.

O Photovoice tem, de acordo com seus criadores, três objetivos principais a serem adaptados e recriados de acordo com as necessidades e particularidades de cada projeto de pesquisa: (1) permitir que os participantes registrem as potencialidades e necessidades de suas comunidades; (2) promover reflexão e diálogo críticos em grupos de discussão das fotografias; (3) alcançar serviços e formuladores de políticas públicas (Wang & Burris, 1997).

É importante sinalizar que a escolha da estratégia para coleta de dados foi essencial para o percurso deste trabalho. Uma revisão de literatura defende, e nós concordamos, que em sua melhor forma o photovoice é ao mesmo tempo ferramenta de coleta de dados e intervenção terapêutica como citado anteriormente, que tem valor mesmo em amostras pequenas (Fountain et al, 2021).

No caso deste estudo, o uso do photovoice criou oportunidades para que as adolescentes representassem e processassem suas próprias realidades a partir dos seus pontos de vista, e permitiu que discutissem e destacassem questões que as afetavam diretamente. A escolha desta metodologia torna o processo de pesquisa emancipatório, à medida que desconstrói as hierarquias entre adultos (profissionais, pesquisadores, formuladores de políticas públicas) e adolescentes, e entre pesquisadores e participantes (Petersen, 2011).

O photovoice tem o potencial de ouvir e amplificar as vozes dos adolescentes em suas comunidades, podendo resultar em vários níveis de mudança, desde pessoal até institucional (Goessling, 2018). Autoras destacam que o photovoice é uma oportunidade para o empoderamento de adolescentes, por tratar-se de um processo que não é dado, senão construído com e a partir dos próprios participantes (Abma et al., 2022). Pode ainda ser uma ferramenta relevante para a literacia em saúde, compreendida como a construção de habilidades cognitivas e sociais para acessar, compreender e usar a informação de modo a promover e manter-se saudável. É importante ressaltar que não pode ser vista apenas em seu componente individual, mas de forma ampliada a incorporar o contexto de vida, as relações e dependente do ambiente, ou seja, processos que podem ser facilitadores ou dificultadores do processo (Okan, Paakkari & Dadaczynski, 2020). Neste âmbito, o photovoice se fez disparador e facilitador da literacia em saúde mental.

O Guia para Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes enfatiza a necessidade de olhar aos adolescentes enquanto forças motrizes e ativistas sociais, trazendo a necessidade de considerá-los em suas particularidades de formação crítica e reflexiva. As contribuições destes adolescentes para o cuidado da própria saúde são ricas e devem ser fomentadas e aprimoradas mediante participação social significativa. Este estudo promoveu, por meio de um instrumento de pesquisa, este avanço – a cartilha “O que alivia minha dor” construída com/pelas/para adolescências traz um exemplo concreto deste fato. Coaduna ainda à centralidade desta população como parte da Estratégia Global para a Saúde da Mulher, da Criança e de Adolescente (2018-2030), vistos como potência para alcance da Agenda 2030 (Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde, 2018). Ressalta-se que investimentos junto a esta população trazem benefícios triplos – para suas vidas presentes, para suas vidas adultas futuras e para as próximas gerações. Ou seja, o olhar para a saúde e qualidade de vida adolescentes são possibilidades de transformações e criações de sociedades mais saudáveis e sustentáveis.

O uso do photovoice com adolescentes em sofrimento psíquico trouxe contribuições que permitem avançar no conhecimento interprofissional em saúde, com pautas relevantes à agenda de saúde das adolescências. No âmbito da prática profissional, enfatizamos a construção de intervenções, serviços e sociedades que garantam os direitos básicos das adolescências, com abordagens menos patologizantes e estigmatizantes, mais respeitosas, criativas e inclusivas, e que honrem as experiências e conhecimentos de adolescentes em sofrimento psíquico para além da mera perspectiva de fatores de risco.

Entende-se que este olhar segue paralelo às perspectivas de políticas que visam o fortalecimento da força de trabalho em saúde para atender as reais necessidades de adolescentes, por meio de ações sensíveis culturalmente, focada nas pessoas e em seus cursos e contextos de vida. Ademais, pode trazer uma ferramenta para instrumentalização de docentes e enfermeiros no cuidado à saúde desta população (Cassiani, Dias & Caffe, 2022).

Embasados na teoria psicanalítica de Winnicott e a partir de metodologia baseada nas artes, oferecemos espaço para que adolescentes com histórico de autolesão pudessem criar e conceber o que são experiências sustentadoras. A forma livre e criativa com que puderam se expressar pelas fotografias possibilitou a busca pelo gesto genuíno e pela conexão. Fotografias que transbordam afeto, vida, comunidade e arte desafiam o imaginário de adolescente da sociedade e explicitam o valor de ouvir e honrar experiências de adolescentes e jovens, e no caso deste estudo, de adolescentes que se autolesionam.

Para que o cuidado seja coerente com o contexto histórico-social, é fundamental que as ações de promoção da saúde sejam repensadas e recriadas, que façam sentido para profissionais e comunidades, e que as adolescentes participem ativamente dessas construções. Este trabalho destaca a importância de se pensar experiências que promovam a saúde e que contribuam para a construção cotidiana de um paradigma contra a patologização e revitimização no cuidado de adolescentes com comportamento suicida; contribui para o conjunto de conhecimentos sobre experiências de autolesão na adolescência; além de desafiar os modos convencionais de realizar pesquisa sobre comportamentos suicidas. Finalizamos reafirmando que, no caminhar rumo à sociedades mais éticas, equitárias e sustentadoras, os olhares e vozes de adolescentes devem resistir.

## 5. Considerações Finais

O presente estudo traz como principal contribuição a apresentação de estratégia de coleta de dados que permitiu acessar as vozes de um grupo marginalizado e em sofrimento, por vias genuínas e seguras. Permitiu um pesquisar ético, respeitoso e terapêutico. Para além deste aspecto relevante na pesquisa, pode ser ferramenta terapêutica, visto adolescentes terem se apropriado de suas vivências de forma mais salutogênica – trazendo elaboração e foco na produção e promoção de saúde.

Finalmente, para além de ser uma estratégia a ser usada em pesquisa de baixo custo e coerente às adolescências, pode fomentar a literacia em saúde, para além de ter gerado uma tecnologia (cartilha educativa) que demonstra a capacidade e potência de adolescentes como multiplicadores de conhecimentos. A educação por pares pode ainda sem mais empoderada.

# 6. Referências


Abma, T. et al. (2022). Whose Voice is It Really? Ethics of Photovoice With Children in Health Promotion. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 21, p. 16094069211072419.

Braun, V.; Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative research in sport, exercise and health*, v. 11, n. 4, p. 589-597.

Cassiani SHDB; Dias BM; Caffe S. (2022). Improving the skills and practice of nurses to provide quality care to adolescents in conditions of vulnerability. *Rev Latino-Am Enfermagem* [Internet]. 30(spe):e3616. https://doi.org/10.1590/1518-8345.0000.3616

Costa, L. C. R. & Carlos, D. (2022). O que alivia a minha dor: fotos e experiências de adolescentes. https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17427

Costa, L. C. R. et al. (2021). Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. v. 25, suppl 1 [Acesso 8 outubro 2021], e200801. https://doi.org/10.1590/Interface.200801

Flick, U. (2009). *An introduction to qualitative research* (5th ed). Thousand Oaks, CA: Sage.

Fountain, S. et al. (2021). A 10-Year Systematic Review of Photovoice Projects With Youth in the United States. *Health Promotion Practice*, v. 22, n. 6, p. 767-777.

Gadagnoto, T. C. et al. (2022). Repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 em adolescentes: desafios à saúde pública. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 56.

Goessling, K. P. (2018). Increasing the depth of field: Critical race theory and photovoice as counter storytelling praxis. *The Urban Review*, v. 50, n. 4, p. 648-674.

Lettiere-Viana, A. et al. (2020). Coping strategies for violence against children, adolescents and women in the context of social isolation due to covid-19: scoping review. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 30.

Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 13 ed. São Paulo:HUCITEC.

Okan, O.; Paakkari, L. & Dadaczynski, K. (2020). *Literacia em saúde nas escolas*. Finland and Germany: Schools for Health in Europe; n. 6.

Oliveira, W. A. et al. (2020). A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36.

Organização Pan-Americana da Saúde / Organização Mundial da Saúde. (2018). *Plano de ação para a saúde da mulher, da criança e do adolescente 2018–2030*. Washington, DC: Organização Mundial da Saúde para as Américas.

Petersen, A. J. (2011). Research with individuals labeled 'other': Reflections on the research process. *Disability & Society*, v. 26, n. 3, p. 293-305.

Samji, H. et al. (2022). Mental health impacts of the COVID-19 pandemic on children and youth–a systematic review. *Child and adolescent mental health*, v. 27, n. 2, p. 173-189. doi: 10.1111/camh.12501.

Senhoras, E. M. (2020). Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. *Boletim de Conjuntura* (BOCA), v. 2, n. 5, p. 128-136.

Souza, C. de; Silva, D.N. (2018). Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. *Psicol Estud* [Internet]. 2018;23:e2303. https://doi.org/10.4025/psicolestud.v23.e35751

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, p. 203-220.

Wang, C. (1999). Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. *Journal of women's health*, v. 8, n. 2, p. 185-192.

Wang, C.; Burris, M. A. (1997). Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health education & behavior*, v. 24, n. 3, p. 369-387.

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Artes Médicas.

World Health Organization. (2017). Global Accelerated Action for the Health of Adolescents (AA-HA!): guidance to support country implementation. [internet] 2017 [cited 2024 mar 6]. https://www.who.int/publications/i/item/9789241512343

World Health Organization. (2020). *New WHO guidelines on promoting mental health among adolescents*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization. (2021a). *Adolescent mental health*. Geneva: World Health Organization.

World Health Organization. (2021b). *Adolescent and young health*. Geneva: World Health Organization.

**Luiza Cesar Riani Costa**
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-3182-3408
✉ luiza-riani@hotmail.com

**Marília Gonçalves**
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
https://orcid.org/0000-0003-4547-7235
✉ mariliagoncalves6@gmail.com

**Maria Fernanda Barboza Cid**
Universidade Federal de São Carlos, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-0199-0670
✉ mariafernanda@ufscar.br

**Wanderlei Abadio de Oliveira**
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-3146-8197
✉ wanderleio@hotmail.com

**Diene Monique Carlos**
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil
https://orcid.org/0000-0002-4950-7350
✉ diene.carlos@usp.br